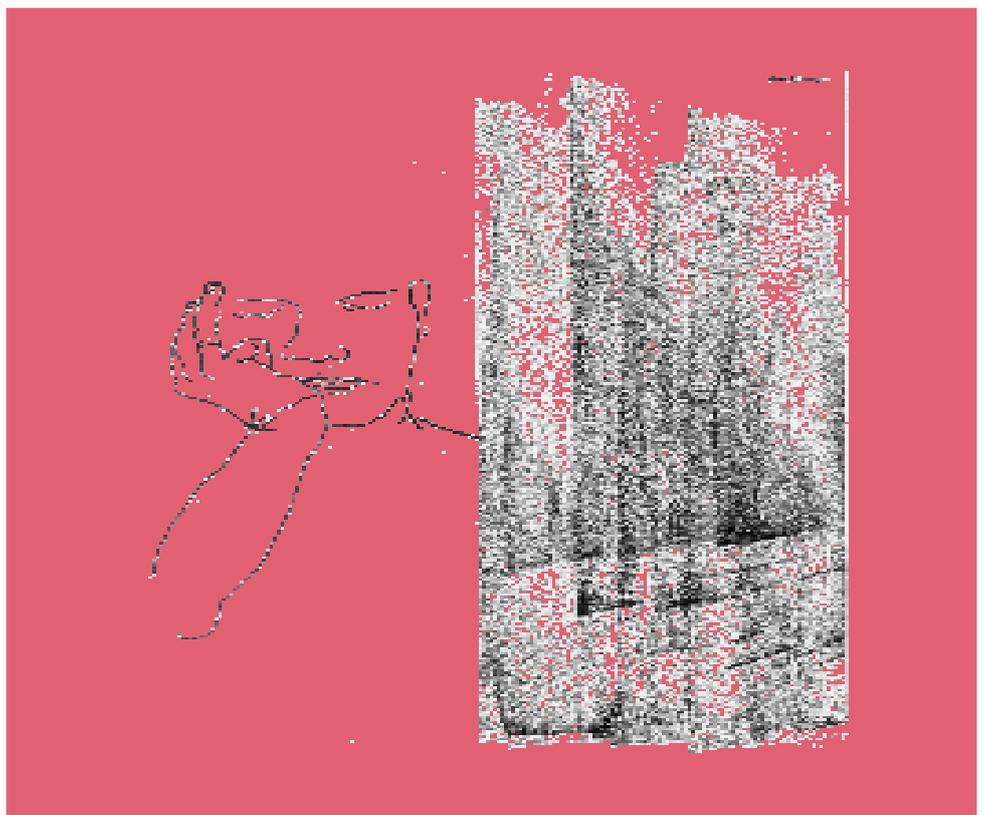


# O Pó Dos Poemas

Rui Miguel Rocha

Ilustrações de **Agostinho Sousa**



# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

---

*aos meus pais  
e à minha irmã Gisela*

*à Geca*

*ao Agostinho  
por ter desenhado os meus poemas*

## Alea Jacta Est

---

equilíbrio estável das letras  
a meio da página  
significações pensadas para tomar um sentido  
nunca uma direcção  
tentativa de ordenar o caos  
baralhando um pouco a ordem  
eis o poema levitando na página em branco  
desafiando a estabilidade da gravidade  
dando peso ao vácuo da vida

deus julga-se poeta  
não o censurem  
é difícil encontrar o equilíbrio numa página em  
branco  
metaforicamente temos o universo  
e o poema e suas metamorfoses  
e nesta aleatoriedade total  
deus criou o homem  
O sentido ficou, quiçá, em quem as disse  
ou mesmo esse lhes ficou aquém...  
Talvez as palavras não precisem de sentido  
para viver  
e não pertençam a ninguém ...  
O poeta, esse, só faz sentido  
no meio de toda esta indiferença!...

## Raízes

---

o som de cada curva do alfabeto  
ressoa na antiguidade da palavra.  
todos os mitos nasceram da ignorância,  
e todas as palavras, de todos os alfabetos,  
ajudaram à construção épica do dilema.  
a poesia não se serve das letras,  
serve-se dos homens e dos seus sonhos.  
o som que dela sai evapora-se  
sufocando a sensível emoção da vida  
em gargantas congestionadas de razão.  
o dilema, no entanto, permanece  
e é na sua inconcebível concepção  
que reside o mistério de haver poema.  
pois a forma, a palavra, a fantasia,  
não são nossas, vivem sim entre nós,  
desde o princípio dos tempos,  
numa outra vibração que nos transcende,  
mas que às vezes nos atinge o coração  
num dado momento e se revelam  
quando está tudo reunido numa casual união,  
quando há tempo, há papel, uma caneta e a  
mão!

## Versículo 14 do 1º capítulo do evangelho segundo s. joão: " e o verbo fez-se carne..."

---

e é a carne que somos que trabalha  
novamente  
o verbo na condicionante eterna do sangue  
que  
a rege e do nervo que a move até ao pó a que  
voltará.  
do pó ao pó, passando pela carne e pelo verbo,  
o poeta caminha numa linha ténue de tinta  
onde  
o equilíbrio é precário e a certeza exígua. há  
uma  
busca atávica em tudo isto, há uma  
manipulação  
invisível da carne. a palavra esconde-se na  
tinta  
incompleta dos versos que escondem o verbo,  
e  
é na sua descoberta que está o mistério fugidio  
que apaga os sons iniciais. as testemunhas  
desse  
encontro gritam-nos segredos e, o que nos  
chega, fica gravado na imperfeição do papel.

## O Primeiro Espelho

---

e pensar que foi um reflexo fortuito  
a causa da primeira demência,  
no imprevisível sobressalto  
de um espelho.

## O Escultor

---

o escultor aprisiona o barro na forma e não ouve os gritos mudos dos pequenos pedaços que combatem essa mesma forma numa ânsia frenética de ser tudo e não um. o barro é feliz enquanto os calos das mãos o moldam. é quando se sente escultura que o seu grito surge, chamando novos escultores para que o devolvam à imagem sempre necessária do tempo, a essa estranha estátua dinâmica que confirma o movimento.

## O Esquecimento

---

fatalmente a vida acaba por cair  
no erro redutor em que cai o verso.  
há instantes inesquecíveis que são recordados  
nos instantes fugazes dos dias seguintes e  
há também as inutilidades que nos  
acompanham  
até ao fim de tudo, até à inutilidade final.  
é certo que devemos limpar a memória  
para que ela se aproxime do poema, mas o  
certo  
é que as arestas que formam o nosso eu  
são geométricas e implacáveis, não  
se identificando nem se importando com  
conceitos ténues de felicidade ou com valores  
ultrapassados por gargalhadas momentâneas.  
fatalmente não se pode dizer que chegaremos  
inteiros ao final de sermos,  
à derradeira inutilidade.

## O Pião

---

livre, o pião do poema rodopia  
até à infância de sorrisos e de  
dentes caídos, numa vertigem de braços  
abertos e olhos fechados em lágrimas  
perfeitas de heranças cumpridas.  
a faniqueira abraça então a criança  
que se enrola em voltas e voltas  
até que o pião do poema se esqueça,  
entontecido, do sítio de onde veio,  
da inocência perdida.



## Instinto Material

---

conheço a força obscura da procura insensata  
que se esconde na força interior da matéria.  
são duas forças que se completam no instinto  
inquieta do humano. há algo guiando as  
viagens  
desconhecidas da posse, há instintos  
impedindo  
o meio-ter e embriagando a avidez complexa  
dos  
abraços. infelizmente escondemos segredos  
quando  
abarcamos o desejável e é na demonstração  
do incompleto  
que nos rege que mostramos o que somos:  
órfãos falhados.

## Satélite

---

penso na abstracção ideal para personagem  
deste poema. ao meu lado estás tu, sem o  
saberes,  
puxando-me para o concreto que teima em  
permanecer  
na ilusão das coisas. tu, que és mulheres, és  
também  
o centro da órbita febril e concêntrica onde, há  
já algum  
tempo, me encontro. a força poética não chega  
para me libertar da gravidade natural que  
inspira  
a relação íntima e intensa que tenho com o  
mundo.  
sou etéreo na incompreensão que promovo,  
sou cativo na liberdade dos teus olhos,  
sou falso na verdade que somos.

és alheia ao poema que escrevo, por isso  
consegues  
que eu não me perca nos labirintos secretos  
dos versos,  
por isso consegues reter-me na tua elipse  
orbital  
que percorro comandando as marés  
das tuas lágrimas.



## Servir O Minúsculo

---

na respiração ofegante das pressas diárias  
o poeta esconde-se nas costelas compactas  
do cansaço. ele permite a palavra, o  
afogamento  
que paira no ar. ele dilata-se nas experiências  
alheias para que o seu verso exprima reacções  
naturais. o poema esconde-se nos gestos  
inocentes  
e o poeta tem de ser parte do todo, tem de ser  
carne da carne nesse experimentar  
momentâneo  
de tudo. é impossível viver as penetrações do  
ser  
no seu íntimo, por isso o poeta serve para  
servir  
o minúsculo, para pintar o suave toque da mão  
nos inúmeros cabelos que escondem a miopia  
do mundo.



## O Vício

---

o perigo persiste nas esquinas do vício,  
daí a nobreza do olhar altivo que o vinho  
conserva nas garrafas vazias. o medo alia-se  
ao hábito na vigília nervosa de quem os tem.  
talvez caia num erro redutor ao falar de  
um verso pleno de vício, rodeado pelo fumo  
que move a avidez embriagante das páginas.  
na mesa está o copo, subitamente vazio.

## Os Livros

---

sento-me no crepúsculo do fim da tarde,  
cansado da suposta vida de plenitude  
e é neste instante que o livro aparece  
rodeado pela necessidade intensa do  
enternecimento. percorro as lombadas dos  
tomos que fui comprando e recordo aventuras  
passadas na impossibilidade das letras. nestes  
apaixonados momentos de solidão sinto  
o vício do toque do papel, a procura insana e  
inócua que existe no desfolhar das folhas  
cobertas de sonhos e procuro as minhas  
vivências  
na impossibilidade da leitura onde vou  
refazendo  
sonhos nos sonhos forjados dos escritores  
encapados.



## O Caminho Dos Livros

---

nos alternativos caminhos da escrita  
estão todos os nomes num só. as discórdias  
estúpidas que caminham lado a lado com  
a individualidade juntam-se na generalidade  
que é o todo. foi nos livros que encontrei  
o mistério que me levou a lê-los, foi  
nos livros e no acto de me descobrir  
neles que a incógnita se traduziu na afirmação  
segura do todo que somos ou do deus que  
procuramos.

## A Censura

---

a ambiguidade de vivermos o presente  
sopra os vestígios obscuros da censura.  
esta cola-se aos olhos dos amantes na  
ternura cega da timidez das bocas  
que gritam vida no calor rubro das faces  
coradas. o amor é a polícia política  
deste século que finda, aprisionando nas suas  
celas o íntimo interrogatório de cada um.

## A Água

---

há na escrita o estranho arrebatamento de se  
ser dominado  
por uma força inominável. o poema actual é a  
falhada  
tentativa da sua descrição. sei que alguém  
pensou este  
poema numa madrugada alheia e que esse  
alguém está preso  
algures sem possibilidade de o escrever. na  
minha mão está  
a força dos feridos que saram por toda a  
eternidade, mas  
nem por isso a responsabilidade pesa na  
escrita pois a  
natureza dos versos surge límpida como a  
força do rio  
que nasce fresco sem o saber. na condução  
alheia da tinta eu  
deixo a minha marca: um tributo aos rios que  
correm  
sobre os diques, ignorando os sobressaltos.

## O Fogo

---

há algo que se repete no brilho luzidio  
que os olhos reflectem há séculos. o vermelho-  
vivo-laranja que dança consumindo tudo em  
si mesmo é o astro que ilumina os céus  
onde os olhos, aqueles olhos, se revêm em  
silêncio.

as essências persistem no íntimo trágico das  
vidas e os sistemas reencontram-se na  
descoberta das  
experiências que se espelham na queimadura  
inicial.

conheço o sangue que acompanha o suor  
humano

no círculo infinito dos poemas; é aí que se  
concentra

o conhecimento, é aí que o amor floresce.  
tudo é resumido no escasso espaço das  
lembranças

que acompanham as gerações perdidas que  
somos.

é razoável pensar na calma aparente do nosso  
governo olhando para a domesticada dança  
das chamas

nas lareiras. no entanto há uma reflexão  
excessiva

nesta autocontemplação ambígua da chama  
inicial.



## Trovoada

---

é o barulho da tempestade no latão  
dourado da faísca que assalta o  
poema riscando a página de azul.  
o poeta acorda na sonolência morna  
dos lençóis e vê a folha rugindo.  
- é deus que ralha- dizia a beata que  
não devia ter entrado no poema.  
ainda assim, o poeta sente a sua  
infância invadindo a trovoada que  
nunca deixou de ser um deus irritado.

## Os Navegadores

---

a bússola é o espelho do magnetismo humano  
o qual é muito próprio do ser que nasceu da  
vida.

é assim que o homem guia as vontades  
presentes

nos lagos espessos do interior profundo do seu  
ser.

há uma procura inerente à libertação do ventre  
que conduzia tudo. o vento sopra o destino  
escolhido

da criança que nasce, curiosa dos mistérios do  
mundo a descobrir. é assim que a bússola rege  
os navegadores insanos, é assim que eles se  
perdem.



# Telejornal

---

a deusa económica promove  
o encontro do brilho das espadas.

os pobres fabricam o aço  
que vai degolar os seus filhos.

o medo é o alimento da coragem  
comandando as rédeas da guerra.

no ecrã pacífico do quotidiano  
televisivo é fácil a imortalidade.

## Oriente

---

após o crepúsculo surge a laranja  
do espírito, o lento despertar  
da humanidade no que ela tem  
de contemplativo e sedutor.  
olho o espaço da manhã com a  
visão profética do futuro vermelho  
da tarde, e é neste breve momento  
que o mundo recomeça a envelhecer.  
há olhos frágeis que se rasgam face  
à múltipla visão do infinito e há  
um sorriso de boas vindas  
preenchendo o caminho do mundo.



## Guerra

---

molho com lágrimas as páginas da guerra.  
procuro a razão nos desafios comuns das facas  
e encontro o desmoronamento dos meus no  
olhar  
impotente de uma criança inocente. é tudo  
uma  
questão de fins essenciais em que os pobres  
dos povos  
se mostram nus e inúteis na selvajaria  
hipócrita dos  
que sabem a razão de não haver sabedoria no  
mundo.

## Os Lobos

---

considero o círculo para pobre metáfora  
da história e, neste final de milénio,  
chega-me às narinas o cheiro intenso  
da carne queimada nas fogueiras do ódio.  
céptico e tímido cá vou fugindo das  
responsabilidades poéticas caminhando  
lado a lado com os lobos que uivam.



## Os Números

---

no infinito dos números está presente o finito inadiável da sua contagem.

há, no humanismo, um sabor estranho de finito no infinito. é interessante falar com os outros sobre o outro que não o é. nos milhares de milhões que gritam há apenas um que conta no infinito precário dos números que se resume ao exíguo que somos na pouca vastidão em que nos vemos. este foi o século das notícias e da ignorância inadvertida dos massacres totais. ao estatístico resta-lhe verificar que não é um dos que morreram nos números.

## Sobre Os Átomos

---

o papel do poema imola-se e percebo  
então a lenta agonia das letras:  
cheguei ao fim de tudo, ao pesadelo final,  
à arte suprema.  
o clarão afasta-se e, depois de morto,  
ouço um trovão de forças que é todos  
os sons, o mundo dentro do mundo,  
o renascimento.

## Silêncios

---

há momentos fortuitos em que as palavras  
se afastam para darem lugar aos  
acontecimentos.  
nada impede que elas se apresentem, limpas  
de si,  
nada impede o ressoar do som na letra e,  
no entanto, elas permanecem mudas como se  
na sua teimosia estivessem eternidades de  
instantes e alguns farrapos de felicidade. as  
palavras  
retraem-se na timidez dos olhares dos  
amantes  
e fecham-se no seu íntimo significado por  
serem espelhos onde nem a poesia se vê.



## Os Amantes

---

o amor serve-se dos amantes chupando-lhes o sangue afectivo que neles persiste. os amantes viajaram da criança que um dia foram até ao sabor amargo dos corpos conformados que hoje são apenas para confirmarem o esquecimento da inocência que perderam em risos e lágrimas, eles são escravos da presença imperativa da cópula. o sexo chega ao poema trazido pela palavra "amante", e é extraordinário verificar a dependência que os vocábulos mostram na sua imitação do sangue, na sua colagem às imagens gastas da película do mundo. os amantes juntam-se pelos cheiros mútuos das secreções físicas e são dois sistemas abertos transferindo a energia única do universo; eles são também as palavras que se reúnem numa ignorada intenção de amor, num bailado erótico e intenso feito de laços que escorregam pelos lençóis do papel para um futuro incerto e fatal que os levará à surpreendente maternidade dos poemas.



## Vigília

---

procuramos o mistério na pele dos outros  
e fazemos tudo para o reter no ódio que  
se confunde com o amor-próprio ou no  
amor que temos pelo ódio atávico do alheio.  
sabemos que a tarefa de viver é impossível  
no desconhecimento dos nossos eus, somos  
muito mais complexos do que o nosso cerco  
e, por isso, amamos para não perdermos o  
rumo pré-definido dos sonhos improváveis.  
é assim que, nesta noite de terríveis  
inquietações,  
ouço-te do outro lado da cama lançando-me  
um sussurro para que me aproxime do teu  
sono.

## O Inconsciente

---

conheço a alma aparente das letras,  
o mistério que está nas entrelinhas dos outros,  
o sentido profundo que o escritor desconhece.  
fito textos embriagados pela luz coada e  
sonora  
dos cafés e reparo que neles existem todas as  
mentiras que sempre existiram. há uma  
mensagem  
que não absorvo em tudo o que já foi escrito,  
há um mistério profundo onde não consigo  
mergulhar.  
o leitor revela-se no texto impreciso e  
incompleto  
que o poeta pensou como puro. a pureza é a  
utopia  
artística, é a desarticulação das metáforas  
cansadas  
pela responsabilidade de se tornarem poema.

## Testemunhos

---

os poetas desaparecem no trágico hábito do quotidiano, eles vestem as suas carapaças humanas para testemunharem o que são perante o indizível. é nos cafés que os vejo, deambulando sonolentos pelas suas vidas plenas de conversas inacabadas e de cheiros familiares. é então que surgem os versos, meros testemunhos da poesia que se desvanece nos outros.



## O Mar

### Simurgh (página 387, borges 3)

---

olho o mar e ouço as vagas gritando  
o meu nome, na espuma que nasce dos  
seus dedos vejo a face dos meus e uma  
gaivota espreita a presa que pode muito  
bem ser o peixe dos teus olhos. na  
imensidão azul permanece a metáfora  
das metáforas, o espelho que reúne o  
amor no reflexo salgado da humanidade.  
no mar está presente a liquidez da alegria  
perdida pela terra, e é nessa disputa irreal,  
entre o que somos e o que vemos de nós,  
que garantimos a sobrevivência dos sonhos.

## Cansaço

---

no desgaste trémulo do fim  
está presente a serenidade  
do entardecer.

é como o sangue escolhendo  
as veias congestionadas  
onde se espraia.

espero as frases recorrendo  
ao verbo que trava a batalha  
do fim das letras.

É nessas cinzas que assim deixarei,  
espalhadas para sempre por essa doce  
aragem,  
que vou alcançar, por fim, a eternidade,  
pois ninguém pode quebrar as vibrações desse  
meu canto,  
nem nunca apagar essa mensagem!...

## O Plural Dos Versos

---

há um heterónimo em cada verso  
na exacta medida em que cada curva  
que molda o texto depende do avesso  
que molda o tempo. o tempo é uno  
no diverso que somos em cada instante  
e assim escrevemos o que sentimos  
fluir no muito que não é bastante.  
as formas indefesas povoam o florir  
antigo das plantas que, sendo sempre  
o mesmo, promove a intemporalidade  
do nosso ser. é assim a escrita,  
é assim a vida. caminhamos no ventre  
escondido de nós próprios e na calma  
aparente do verso que, calado, grita.

## Os Velhos

---

hoje o poema leva-me aos velhos,  
às rugas profundas que a vida curtiu,  
às notas meticulosamente dobradas em oito  
com uma precisão de projecto de barco,  
ao último reduto da ilusão finalmente vencida.  
os velhos são demasiado inocentes,  
e no seu olhar de crianças perdidas  
distinguem-se órfãos reencontrando as mães  
que os chamam para o esquecimento de tudo,  
para o berço negro dos lençóis naturais.

a vida passou sem eles darem por ela.  
no fim foram tudo o que não foram  
e são sonhos perdidos para sempre  
na vivência da ilusão desses sonhos.  
os velhos são feitos de pedaços,  
de colecções de encruzilhadas,  
de recordações perdidas no labirinto do tempo.  
eles são como nós olhando para trás  
na nossa ilusão de frívolas eternidades,  
na nossa porfiada ilusão de caminho único



## Natureza Morta

---

o suor escuro de um rosto queimado  
rega o húmus das flores dos prismas,  
os cordões de água escolhem a doença  
para rugirem nas chapas ferrugentas dos  
motores velhos que os músculos, em vão,  
substituem. o arado sulca o reino dos  
homens provocando um gemido na terra  
aberta que sangra, cansada, os coágulos  
coloridos destinados aos cestos  
das naturezas mortas.



## Foz

---

no lento escorregar do rio, os pássaros perfuram horizontalmente o azul do ar e cruzam os barcos rabelos que navegam justificando a corrente que desliza para o paciente ruído do mar. a mão do poeta na letra de água pura chora um abandono e molha-se de sal na luta onde a espuma garante a continuidade de tudo.



## Sobre O Tempo

---

o egoísmo não pertence ao tempo,  
dono da memória e da previsão.  
talvez o esquecimento não exista  
na repetição de tudo, na insistente  
repetição que existe em tudo, no  
que há de nós nessa repetição de tudo.  
pensando nisto sinto-me enjaulado  
numa cela feita de séculos que um  
deus construiu, onde passeio o que  
penso na exígua fronteira da felicidade.  
nestes momentos sinto-me próximo  
de todos os instantes, passados e futuros,  
de todos os seres, mortos e por nascer,  
que são afinal um só momento, um só ser.

talvez a originalidade se esconda  
na impossível repetição da morte.

## Dia(gnóstico)

---

tento fazer uma revisão de vida no poema:  
coloco-me no lugar que fui e mudo as  
circunstâncias  
que moldaram as situações, mudando apenas  
um pequeno (mas crucial) gesto.  
sei que os erros não seriam mais os mesmos e  
que a aproximação a deus seria inevitável.  
aproximar-me-ia da imortalidade do consenso,  
da sabedoria eterna, da perfeição da  
inutilidade,  
da futilidade lânguida do voyerismo.

a invulnerabilidade da existência não se  
resume  
ao poema intocável e perfeito. a  
invulnerabilidade  
não se resume nem se justifica e a existência  
só se justifica no que tem de imprevisível e  
de imperfeito, no que tem de humano.

## A Morte Hoje

---

depois de morrer  
ser-me-á dada a escolher a idade  
inteira para permanecer eterno.

é estranho pensar  
que se a morte me visitasse hoje eu  
adaptaria imediatamente um dia futuro.

## Cemitério

---

são dois os portões de ferro que nos separam  
do conhecimento de tudo, das lápides frias  
que cobrem a quente descoberta das origens,  
do mármore agressivo que nos mostra o  
caminho.

tudo é calmo na serena sabedoria da  
eternidade

e é no cemitério que descansam as palavras  
que nos guiaram à geração presente,  
mostrando-

-nos o que somos para outros também o  
serem.

as palavras repousam para sempre nos  
túmulos frios dos

poemas procurando a promessa impraticável  
do paraíso.

compreendo agora que morrem no silêncio das  
páginas,

no silêncio das vozes dos poetas amordaçados.  
como os cães tristes das ruas desertas, elas  
esperam

a impossível ressurreição, o derradeiro e  
improvável

milagre na densa realidade onde se  
encontraram erguidas.

inventaram-nas os sábios na fatal  
incompreensão de si mesmos.



## Reflexão

---

há um sentido sísmico que impõe ordem à  
felicidade  
e esse é o principal obstáculo à perfeição do  
poema.  
tudo é banal até que um choque nos faz rever  
a morte dos nossos ou  
a vaidade que vamos perdendo no domínio dos  
espelhos.  
adormecemos no essencial diário das refeições  
mas acordamos no sono vigília das obrigações.  
o poema existe na página do sofrimento  
e na indefinível alegria que caminha de braço  
dado  
com as misérias humanas.  
há uma sensação de alívio quando nos vemos  
vivendo  
e o poema surge quando nos observamos do  
tecto de nós,  
de cima de sermos.



## Reencarnações

---

as combinações estatísticas que cabem numa folha branca ajudam à perpetuação da escrita. não há nada de pessoal no tipo de letra que se imprime para o gosto dos outros. quero que me leiam e que me esqueçam como quem se recorda de algo que nunca o irá marcar. há que ordenar instantes e estabelecer metas nas definições descartáveis das imagens e dos gestos ou nas letras dos poemas já escritos. toda a história resume-se a um amontoado de versos que a memória recorda ou lê nas repetições dos livros de lei e nas memórias dos que duvidam de si mesmos. as palavras são claustros do pensamento pois são a parte do todo em que todos participam na improvável ilusão da eternidade.



## O Pó Dos Poemas

---

sinto na pele olhares de poetas esquecidos  
que me arrepiam como o suave toque de um  
fantasma.

leio poemas já muito antigos  
como um deus ressuscitando apóstolos,  
ajoelhando-se à vontade eterna de viver  
eternamente.

haverá no futuro um dia  
em que serei um espectro de letras  
assombrando a existência de incógnitos  
poetas.

ignoro-me como testemunha do futuro  
mas sei-me regido pelas leis físicas do  
apocalipse.

não se contraria a ciência com poesia,  
nem, tão pouco, a teologia com versos.  
sei que, no fim de tudo, haverá novos inícios,  
como poeira de mundos,  
como pó dos poemas.



# ÍNDICE

Alea jacta est.....	4
Raízes.....	5
Versículo 14 do 1º capítulo do evangelho segundo s. joão: " e o verbo fez-se carne..." .....	6
O primeiro espelho.....	7
O escultor.....	8
O esquecimento.....	9
O pão.....	10
Instinto material.....	11
Satélite.....	12
Servir o minúsculo.....	13
O vício.....	14
Os livros.....	15
O caminho dos livros.....	16
A censura.....	17
A água.....	18
O fogo.....	19
Trovoada.....	20
Os navegadores.....	21
Telejornal.....	22
Oriente.....	23
Guerra.....	24
Os lobos.....	25
Os números.....	26
Sobre os átomos.....	27
Silêncios.....	28
Os amantes.....	29
Vigília.....	30
O inconsciente.....	31
Testemunhos.....	32
o mar/simurgh (página 387, borges 3).....	33
Cansaço.....	34
O plural dos versos.....	35
Os velhos.....	36
Natureza morta.....	37
Foz.....	38
Sobre o tempo.....	39
Dia(gnóstico).....	40
A morte hoje.....	41
Cemitério.....	42
Reflexão.....	43
Reencarnações.....	44
O pó dos poemas.....	45

Colecção

# digit@lmente

*Título:* **O PÓ DOS POEMAS**  
*Autor:* **RUI MIGUEL ROCHA**  
*Ilustração:* **AGOSTINHO SOUSA**

*Edição em Formato Livro:* **1999**  
*Edição em Formato Digital:* **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**  
para esta edição digital

*Contacto:*  
**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.co.pt](http://www.elefante-editores.co.pt)**

Editores de Poesia desde 1997